

17. Dele, Por Ele e Para Ele: Redescobrimo a Grandeza Inexplicável de Deus em Cada Momento da Vida

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 31/10/2025 17:08

Introdução: Uma Vida de Gratidão, Não um Ritual de Recarga

Muitos de nós nos aproximamos do culto ou da celebração comunitária com uma mentalidade de necessidade. Vemos esse momento como uma estação de abastecimento espiritual, um lugar onde podemos finalmente recarregar as energias para enfrentar as batalhas e o cansaço de mais uma semana. Embora a comunhão e a adoração coletiva de fato nos fortaleçam, essa perspectiva pode, sutilmente, reduzir nossa fé a um ciclo de esvaziamento e recarga, onde Deus se torna um recurso a ser acessado apenas em momentos específicos.

No entanto, uma reflexão mais profunda nos convida a inverter essa lógica. A verdadeira essência da adoração não nasce de um vazio que precisa ser preenchido, mas de uma plenitude que transborda. Como expressado na ideia central que inspira este artigo:

"Não é porque eu venho aqui que eu carrego a minha bateria para passar a semana, é porque ele habita em mim a semana inteira que eu venho aqui para expressar toda a minha gratidão e a minha adoração."

Essa mudança de perspectiva é transformadora. Ela desloca o foco de nós mesmos e de nossas necessidades para a realidade contínua da presença de Deus em nossa vida. O encontro comunitário deixa de ser um ritual para obter algo e se torna a celebração jubilosa de Alguém que já possuímos – ou melhor, por quem somos possuídos. Não vamos à igreja para encontrar Deus, mas porque, por Sua graça, Ele já nos encontrou e fez morada em nós, em cada segundo de cada dia.

Assim, a adoração se torna o fruto natural de uma vida vivida em Sua presença. É a consequência inevitável de reconhecer que Ele está conosco no trabalho, em casa, no trânsito e nos momentos de silêncio. Entender essa verdade é o primeiro passo para abandonar uma fé ritualística e abraçar uma relação viva, constante e transbordante de gratidão.

A Presença Inescapável: Como Invocar Quem Já Mora em Nós?

A linguagem da fé está repleta de expressões como "vamos invocar a Deus" ou "pedir para que Ele desça sobre nós". Embora bem-intencionadas, essas frases revelam uma compreensão limitada da natureza de nosso relacionamento com o Criador. A verdade do Evangelho nos desafia com uma pergunta fundamental: "Como é que eu invoco quem já mora aqui?". A ideia de chamar Alguém que já fez de nós Sua morada é um contrassenso. Ele não é um visitante que aguarda um convite para entrar; Ele é o residente permanente.

Essa realidade de uma presença constante e inescapável foi magnificamente descrita pelo salmista. Não há para onde fugir do Espírito de Deus. A tentativa é fútil, pois Ele preenche toda a existência.

"Eu não consigo fugir dele mesmo que eu vá e coloque a minha cama lá no Ades, no lugar dos mortos. Ou se eu subir até os céus mais altos ali ele também vai estar. E se eu tomar as asas da alvorada e percorrer até as extremidades da terra, até ali a tua mão me guiará."

Essa onipresença não é uma vigilância opressora, mas uma promessa de companhia inabalável. Ele conhece nossos pensamentos antes que se tornem palavras, sonda as intenções mais profundas de nosso coração e sabe dos caminhos maus que, por vezes, escolhemos. Mesmo assim, Ele permanece.

Santo Agostinho, em suas *Confissões*, lutou com esse mesmo mistério. Ele questionava como um Deus infinito, maior que os próprios céus, poderia habitar em um ser humano tão pequeno e limitado. A conclusão a que chegou é revolucionária: não somos nós que contemos Deus; é Ele quem contém a nós e a todo o universo.

"Senhor, como é que o Senhor habita em mim se o Senhor é infinitamente maior do que eu? Não cabe. [...] não são os céus que te contém, mas é o Senhor que contém todas as galáxias e todo o universo."

A percepção de que Deus não está simplesmente "em um lugar", mas que *nós é que estamos Nele*, muda tudo. A tentativa de se afastar Dele é tão ilógica quanto tentar fugir de si mesmo, como na letra de uma antiga canção que dizia: "Eu tentei fugir de mim, mas para onde eu ia eu tava". Onde quer que estejamos, Ele está, pois Nele vivemos, nos movemos e existimos. A questão, portanto, não é como trazê-lo para nossa realidade, mas como despertar para a consciência de que já vivemos imersos na Sua.

Desmistificando a Santidade: Deus Está Onde a Religião Não Ousa Olhar

Uma das armadilhas mais comuns da religiosidade é criar fronteiras para a presença de Deus. Inconscientemente, dividimos o mundo em espaços "sagrados", como o templo, e espaços "profanos", onde acreditamos que Ele não estaria. Essa mentalidade nos leva a crer que certas atitudes ou ambientes podem, de alguma forma, repelir a presença do Criador de tudo.

Uma anedota pessoal ilustra bem essa noção equivocada. Na infância, ao frequentar o antigo Cine Ancheta, um diácono da igreja advertiu: "Vocês não podem ir no cinema. Você sabia que quando você entra, Jesus fica de fora?". Essa frase gerou uma genuína preocupação na mente de uma criança, que se perguntava onde, exatamente, Jesus esperaria:

"Será que Jesus fica na recepção, na bilheteria, nas pipocas? Ou o lanterninha fala: 'Agora você não entra'?"

Essa visão, embora ingênua, reflete um erro teológico profundo. Se Deus contém todo o universo, como poderia um simples cinema excluí-lo? Expandindo essa lógica, devemos nos perguntar: você acha que dentro do quarto de um prostíbulo Deus não está? Acredita que Ele se scandaliza e se retira diante de manifestações promíscuas nas ruas? A verdade é que Ele está lá, pois tudo o que existe está contido Nele.

O erro está em projetar em Deus os nossos próprios pudores e preconceitos. Ao contrário da religião que criamos, Ele não olha para o pecador com nojo, mas com misericórdia, dizendo: "Você precisa me conhecer. Você precisa saber quem eu sou". Se Ele se ofendesse com a imperfeição humana, jamais poderia habitar em nós. Afinal, como a própria transcrição lembra, "passa cada porcaria na nossa cabeça que Deus ficaria enojado".

Mas Ele não é como nós. Ele é misterioso e vai muito além do que nossa mente limitada pode

conceber. Sua santidade não é uma barreira que o afasta do pecador, mas uma força de amor que o atrai para a redenção, independentemente do lugar ou da circunstância.

Coram Deo: A Consciência Transformadora de Viver Diante do Eterno

Existe uma antiga expressão em latim que resume a realidade mais profunda da existência humana: *Coram Deo*, que significa "diante de Deus". Viver com essa consciência é entender que cada ato, cada pensamento e cada segundo da nossa vida se desdobram na presença imediata do Criador. Nossas alegrias e frustrações, nossos acertos e erros — como xingar no trânsito, brigar com um familiar ou tomar uma bronca do chefe — nada escapa ao Seu olhar, não porque Ele é um vigilante, mas porque Ele é o próprio ambiente em que tudo existe.

Para compreender a dimensão disso, basta um exercício de perspectiva. Imagine uma câmera que começa focada em uma rua e lentamente se afasta: vemos o bairro, a cidade, o país e o continente. Logo, nosso grande planeta se torna um pequeno ponto azul, uma "mosca na galáxia". A própria galáxia se transforma em um pingo de luz em um universo cuja vastidão escapa à nossa compreensão.

"E eu que tô lá dentro daquela ínfima partícula, ainda acho que sou o Deus desse mundo com o rei na barriga. Essa é a minha insignificância dentro da existência."

Diante dessa realidade, a arrogância humana, a petulância e o "nariz empinado" se revelam absurdos, a maior infantilidade deste mundo. Como podemos sustentar tanto orgulho sendo tão pequenos? A resposta teológica para essa imensidão foi declarada por Paulo no Areópago, citando poetas gregos: "Nele vivemos, nele nos movemos e nele existimos" (Atos 17:28). Deus é a atmosfera do cosmos. O teólogo Abraham Kuyper resumiu essa soberania ao afirmar: "Não há nenhum centímetro quadrado de toda a existência sobre o qual Cristo não possa dizer: é meu".

Para Ele, que é eterno — sem começo e sem fim —, nossa noção de tempo é um mero lapso. Enquanto o finito tem começo e fim e o infinito tem começo mas não tem fim, o Eterno transcende ambos. Nossa história inteira, de Gênesis a Apocalipse, é como um livro do qual Ele vê a capa e a contracapa simultaneamente. Tomar consciência disso é o primeiro passo para nos curvamos em humildade e reconhecermos que nossa vida só encontra sentido quando vivida diante Dele.

O Encontro com o Reino: Nascendo de Novo para Enxergar a Verdadeira Grandeza

Para muitos, a jornada da fé começa com um momento decisivo: uma oração, um levantar de mãos, o batismo. No entanto, essa experiência inicial é apenas a porta de entrada. A verdadeira compreensão da magnitude do Deus com quem nos comprometemos é um processo contínuo de revelação. Como muitos que iniciaram essa caminhada ainda jovens podem testemunhar, "conforme o tempo foi passando, eu fui entendendo onde que eu tinha me metido".

A história de Nicodemos, registrada no Evangelho de João, ilustra perfeitamente essa transição. Sendo um mestre em Israel, ele se aproximou de Jesus reconhecendo Seus sinais: "Bom mestre, eu tô vendo que o Senhor é bom, porque ninguém pode fazer o que você faz se Deus não tiver com ele". Nicodemos enxergou o poder, o milagre, a manifestação externa. Em sua mente, ele havia decifrado Jesus: um homem bom, um profeta com quem Deus estava.

A resposta de Jesus, no entanto, quebrou completamente essa análise superficial. Ele não aceitou o elogio, mas o desafiou a um novo nível de percepção:

"Se você não nascer de novo, você não vai conseguir ver o reino de Deus."

Note que a primeira barreira não era *entrar* no Reino, mas sequer *vê-lo*. Jesus estava dizendo a Nicodemos: "Você enxergou muito pouco. Você só viu isso?". Nascer de novo é ter os olhos espirituais abertos para enxergar a verdadeira identidade de Cristo. Ele não é apenas um curandeiro com uma "pitada do poder de Deus", mas o Deus eterno e gigantesco que, por amor, se fez carne para que pudéssemos finalmente vislumbrar o tamanho do Seu Reino.

Esse encontro redefine o que é fé. Ela deixa de ser uma luta interna para "tentar acreditar se Deus pode ou não pode me dar um sinal". Em vez disso, torna-se uma "santa convicção de que não existe nada fora de Deus e de que eu posso deitar e descansar porque ele é meu Senhor". Essa fé explode na mente e no coração, gerando um desejo de desaparecer em nossa própria insignificância para ressurgir a cada dia como uma nova criatura, negando nossas paixões ridículas para viver em comunhão constante com Ele, da manhã à noite.

A Profundidade da Riqueza: Mergulhando na Sabedoria Insondável de Romanos 11

Após uma longa e densa explanação sobre a graça, a fé e o plano soberano de Deus para a salvação, o apóstolo Paulo parece ficar sem fôlego. Sua teologia atinge um clímax, e a argumentação lógica explode em pura adoração. Diante da magnificência do que acabou de descrever, ele só consegue se curvar e escrever um dos poemas mais belos das Escrituras:

"Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus. Quão inexplicáveis são os teus juízos e quão insondáveis são os teus caminhos." (Romanos 11:33)

Essa declaração é um convite à humildade intelectual. Ela nos lembra que, por mais que estudemos, a essência de Deus sempre estará além da nossa plena compreensão. Quando vamos entender Deus por completo? A resposta honesta é: nunca. Nem mesmo na eternidade, pois teremos o infinito para explorar a glória de um Ser infinitamente maior que nós.

Frequentemente, tentamos fazer com Deus o que um engenheiro faz com um telhado: medimos, calculamos, analisamos os perfis e redesenhamos para entender sua capacidade. Tentamos colocar Deus em nossos gráficos e fórmulas, como se pudéssemos dizer: "Dá um sorriso, Deus. Eu vou te desenhar aqui". Porém, essa tentativa é fútil. Como o livro de Jó nos lembra, Ele "faz coisas grandes e insondáveis, maravilhas que não se pode enumerar" (Jó 5:9).

Por isso, desconfie de quem oferece respostas fáceis para os grandes mistérios da vida. Geralmente, quem diz "isso é fácil" é o mais tolo de todos, pois não mergulhou fundo o suficiente para entender a complexidade da questão e, muito menos, a profundidade de Deus. A verdadeira sabedoria começa com a confissão: "Senhor, acho que eu não sei é nada".

Nossos maiores esforços ministeriais, nossas pregações mais elaboradas e nosso conhecimento teológico, quando comparados à realidade de Deus, se assemelham a uma brincadeira de criança. Como quem "brinca de casinha", lidamos com representações e símbolos de uma realidade infinitamente maior. Reconhecer isso não diminui nosso serviço, mas o coloca em sua devida perspectiva: somos apenas pequenos instrumentos nas mãos de um Deus cuja sabedoria e conhecimento são um oceano sem fundo.

Quem Foi Seu Conselheiro? A Ilusão Humana de Instruir o

Criador

Dando sequência à sua adoração, Paulo lança duas perguntas retóricas que expõem uma de nossas tendências mais presunçosas:

"Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem por acaso foi o seu conselheiro?" (Romanos 11:34)

A resposta óbvia é "ninguém". Contudo, em nossa prática diária, agimos como se fôssemos perfeitamente qualificados para a função. Basta observar o apóstolo Pedro que, ao ouvir Jesus anunciar sua morte, o chama de lado para aconselhá-lo: "Senhor, não pode falar isso de ti...". É como se ele tentasse aplicar um *coaching* motivacional em Deus, sugerindo uma "declaração positiva" para mudar a realidade.

Essa mesma mentalidade aparece quando questionamos a soberania de Deus em nossas provações. O apóstolo Paulo orou três vezes para que o "espinho na carne" fosse removido, e a resposta divina foi definitiva: "A minha graça te basta". Em muitas de nossas comunidades hoje, talvez lhe dissessem: "Só três vezes, Paulo? Você precisa fazer uma campanha de 40 dias!". Acreditamos que nossos métodos e insistência podem instruir a Deus sobre o que é melhor.

Essa ilusão se manifesta de formas sutis. Criticamos a ideia de "pedir para a mãe que o filho atende", mas em nossos círculos evangélicos criamos uma versão própria: "pede para o pastor que Deus atende". Agimos como se a oração de alguém "mais ungido" tivesse mais eficácia, como se Deus precisasse de um intermediário influente para ser convencido.

Chegamos ao ponto de tratar a oração como uma campanha de marketing digital. Pedimos oração em múltiplos cultos e horários, não apenas por comunhão, mas por acreditarmos em um "impulsioneamento" espiritual. Acreditamos que mais repetições, talvez combinadas com uma oferta especial ou a imposição de mãos com óleo, aumentam as chances de a "bolinha" do nosso pedido ser sorteada. É uma lógica cartesiana aplicada ao mistério da fé, o que o profeta Isaías já questionava: "Com quem ele se aconselhou para que lhe desse compreensão?" (Isaías 40:14).

Isso não significa que não devemos apresentar nossas dores e pedidos a Deus. Devemos, sim, orar sem cessar como filhos que confiam em seu Pai. O erro é perder a certeza de que Ele é Senhor e imaginar que nosso método de "impulsioneamento" vai render mais do que a simples fé. Podemos e devemos detalhar nossos desejos, mas sem o medo de que Deus "se engane" se não formos claros o suficiente. No fim, quer a resposta seja exatamente o que pedimos, parecida ou totalmente diferente, podemos descansar. A vida repousa nas mãos de um Deus que, porventura, pode ter uma ideia muito melhor do que a nossa.

A Lógica do Mercado vs. a Lógica da Graça: Podemos Colocar Deus em Dívida?

O golpe final de Paulo contra a arrogância humana vem na forma de uma pergunta que desmantela toda a nossa lógica de mérito e troca:

"Ou quem primeiro deu alguma coisa a Deus para que lhe seja restituído?" (Romanos 11:35)

Essa questão ataca o cerne da mentalidade de mercado que frequentemente infiltramos em nossa fé. Inconscientemente, pensamos em termos de transação: "Eu trabalho tanto na igreja, por que

Deus permitiu que isso acontecesse comigo?", ou "Eu fiquei a noite inteira na vigília, por que Deus não me atendeu?". Agimos como se nosso serviço, tempo ou recursos gerassem um crédito com o Criador, colocando-o em dívida conosco.

Essa linha de pensamento, quando levada ao extremo, gera teologias perigosas. Há quem pregue abertamente que é possível "dar uma oferta para Deus e Deus vai ficar devendo para você". Essa ideia não é apenas um erro, mas uma afronta à natureza da graça. Ela inverte a relação, transformando o Deus soberano em um devedor e a criatura insignificante em seu credor.

A Escritura refuta veementemente essa noção. Como Deus pergunta em Jó: "Quem primeiro deu algo a mim para que eu tenha de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu" (Jó 41:11). O que poderíamos oferecer a Ele que já não lhe pertença? O cordeiro do sacrifício? Ele o criou. As pedras do altar? Ele as formou. A lenha do bosque? Ele a fez crescer. Estamos, na prática, oferecendo a Ele o que já é Dele.

A melhor analogia é a de um pai de família que, sendo o único provedor, ganha um presente de aniversário dos filhos pequenos. Embora ele se alegre imensamente, sabe que o presente foi comprado com o seu próprio dinheiro. O valor não está no objeto em si, mas no amor e no carinho que o gesto representa. Da mesma forma, quando oferecemos algo a Deus, Ele não está interessado no valor material, mas no coração contrito e quebrantado por trás da oferta.

Afinal, o que é o nosso sacrifício em comparação ao Dele? Entregamos um pouco do que Ele nos deu, enquanto Ele entregou Seu próprio Filho por nós antes da fundação do mundo. Portanto, a motivação para nossa adoração e serviço não pode ser a expectativa de restituição. Servimos porque somos eternos devedores de um amor insondável e de uma graça imerecida.

Origem, Sustentação e Destino: Tudo Converge para Ele

A espetacular doxologia de Paulo em Romanos 11 chega ao seu cume em uma das declarações mais completas e concisas de toda a Escritura, um resumo de toda a realidade:

"Porque dele, por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre. Amém." (Romanos 11:36)

Nestas poucas palavras, a totalidade da existência é explicada. **Dele** são todas as coisas, pois Ele é a **origem**, a fonte criadora de onde tudo emanou. **Por meio dele** são todas as coisas, pois Ele é a **sustentação**, o poder que mantém o cosmos coeso e em funcionamento a cada instante. **E para ele** são todas as coisas, pois Ele é o **destino**, o propósito final para o qual toda a criação inevitavelmente converge. Ele é o começo, o meio e o fim de tudo.

Essa mesma verdade é ecoada em outros textos, como em Colossenses 1:16, que afirma que "tudo foi criado por meio dele e para ele". Quando uma pessoa finalmente se depara com essa realidade, a sensação é a de encontrar o seu verdadeiro lugar no universo. É como a letra de uma canção que descreve um sentimento de pertencimento inexplicável:

"Parece que eu voltei para casa. Um órfão descobriu o seu pai."

De repente, as grandes questões existenciais são respondidas. Encontrar Jesus é entender, de uma vez por todas, de onde viemos, quem somos, a quem pertencemos e para onde vamos. É resolver a equação fundamental da identidade humana.

Esse entendimento não é um mero exercício intelectual; ele provoca uma transformação radical e inescapável em quem somos. A partir do momento em que colidimos com a grandeza, a misericórdia e o amor infinito de um Deus que é a origem, a sustentação e o destino de nossa vida, torna-se impossível continuar o mesmo. Não conseguimos mais ser o mesmo marido, a mesma esposa, o mesmo filho, o mesmo profissional ou o mesmo cidadão. A velha criatura precisa morrer, dando lugar a alguém cuja existência, em cada detalhe, é vivida para a glória Daquele de quem, por quem e para quem são todas as coisas.

Conclusão Reflexiva

Nossa jornada nos levou de uma compreensão superficial de Deus, visto como um recurso para momentos de necessidade, à vertiginosa realidade de um Criador que preenche cada átomo da existência. Descobrimos que não podemos fugir de Sua presença, pois é Nele que vivemos. Vimos que Sua sabedoria é uma profundidade insondável, ridicularizando nossas tentativas de aconselhá-lo ou de enquadrá-lo em nossa lógica de mercado. No fim, toda a existência ecoa a mesma verdade avassaladora: tudo o que existe vem Dele, se sustenta por meio Dele e tem como destino final a glória Dele.

O que fazer diante de tamanha grandeza? A resposta não é o medo, mas o descanso. Não é a paralisia, mas a libertação. Estamos livres da obrigação de entender tudo, da ansiedade de merecer Seu amor e da arrogância de pensar que controlamos nosso destino. O convite é para abraçar nossa "grande insignificância", permitindo que ela se torne o palco onde a Sua glória inexplicável pode brilhar através de nós. É morrer para o "eu" que se sente o centro do universo para que possamos viver verdadeiramente para Ele.

Portanto, que a nossa vida se torne uma adoração contínua. Que cada manhã ao acordar, cada interação no trabalho, cada momento em família e cada noite ao deitar sejam permeados pela consciência de que estamos diante do Eterno. Pois a verdadeira fé não consiste em decifrar os mistérios de Deus, mas em nos rendermos ao Deus misterioso, encontrando paz na certeza de que, em nossa finitude, fomos escolhidos para ser a morada de uma grandeza infinita.

A Casa da Rocha. **#17 - Diante da Grandeza de Deus - Zé Bruno - O povo da Cruz** . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VsSMa4St4gU>. Acesso em: 03/09/2025.